

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

MATHEUS FELIPE CUNHA RAMOS

25 ANOS DE ROCK EM MATINHOS: 1990 a 2015

MATINHOS

2018

MATHEUS FELIPE CUNHA RAMOS

25 ANOS DE ROCK EM MATINHOS: 1990 a 2015

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciatura em Artes do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Luciana Ferreira

MATINHOS

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

“25 ANOS DE ROCK EM MATINHOS: 1990 a 2015”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes,
da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, para a obtenção do grau de
Licenciado em Artes.

MATHEUS FELIPE CUNHA RAMOS

Professora Orientadora
Prof.^a Luciana Ferreira

Banca examinadora
Prof.^a M.^a Fernanda Fausto de Almeida

Banca examinadora
Prof.^a Dr.^a Débora Regina Opolski

RESUMO

O presente trabalho apresenta pesquisa realizada para o Curso de Licenciatura em Artes da UFPR Litoral, realizado entre os anos de 2015 e 2018, referente ao estilo musical Rock, com ênfase nas bandas de rock do município de Matinhos – Paraná, entre os anos de 1990 e 2015. Neste trabalho, apresentam-se a coleta de entrevistas, informações e estudos realizados sobre esta temática, com intuito de agregar conhecimento sobre a cultura musical do município onde se estabelece o curso realizado, podendo, posteriormente, virem a serem utilizados como importantes ferramentas metodológicas no ensino da música nas escolas de ensino fundamental e médio dentro do município. Este estudo é baseado no conhecimento empírico do autor, atuante no cenário do Rock, e morador de nascença do município citado que, por estes motivos, encontra neste trabalho a necessidade de contribuir com a arte e cultura locais.

Palavras-Chave: Rock; Música; Arte; Cultura; História; Matinhos.

RESUMEN

El presente trabajo presenta una investigación realizada para el Curso de Licenciatura en Artes de la UFPR Litoral, realizado entre los años de 2015 y 2018, sobre el estilo musical Rock, con énfasis en las bandas de Rock del municipio de Matinhos – Paraná, entre los años de 1990 y 2015. En este trabajo se presentan la recolección de entrevistas, informaciones y estudios realizados sobre esta temática, con la intención de agregar conocimiento sobre la cultura musical del municipio donde se establece el curso realizado, pudiendo posteriormente ser utilizados como importantes herramientas metodológicas en la enseñanza de la música en las escuelas de enseñanza fundamental y media dentro del municipio. Este estudio se basa en el conocimiento empírico del autor, actuando en el escenario del Rock y morador de nacimiento del municipio citado que, por estos motivos, encuentra en este trabajo la necesidad de contribuir con el arte y la cultura locales.

Palabras-Clave: Rock; Música; Arte; Cultura; História; Matinhos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	HISTÓRIA DA MÚSICA NO SÉCULO XX ATÉ O INÍCIO DO ROCK	9
2.1	O ROCK: RAÍZES E DESENVOLVIMENTO	10
2.1.1	Vertentes do Rock	11
2.2	O ROCK NO BRASIL E O ROCK BRASILEIRO	12
3	O ROCK NA CIDADE DE MATINHOS	15
3.1	A MÚSICA EM MATINHOS	15
3.1.1	Festivais De Música	17
3.2	ROCK EM MATINHOS	18
3.3	BANDAS DE ROCK MATINHENSES	21
3.3.1	Eletric Mud	21
3.3.2	Entrudo	22
3.3.3	NTN	23
3.3.4	78K	24
3.3.5	Isa Duff	25
3.3.6	Skurf	26
3.3.7	Matosunrise	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia, tem como objetivo apresentar o Rock produzido na cidade de Matinhos, litoral do Estado do Paraná. Tem como recorte delimitador, o Rock produzido entre os anos de 1990 a 2015. O principal intuito deste trabalho foi o de conhecer, publicizar e valorizar a cultura musical produzida nesta região litorânea.

Teve esta pesquisa como objetivos específicos, criar material sobre a história da música e do rock produzido pelos músicos/moradores do município de Matinhos; fazer um levantamento de todas as bandas de rock que existem e já existiram na cidade de Matinhos entre os anos de 1990 a 2015; criar conteúdos sobre estas bandas que pudessem ser levados futuramente para as salas de aula do ensino fundamental desta cidade – para que os jovens tivessem acesso a estas informações.

Justifico a escolha deste tema por diversos motivos: pelo profundo interesse por essa área e por ser músico advindo de uma família essencialmente musicista. Por ser o rock meu estilo de música preferido (participei de banda denominada MATOSUNRISE) e, por ter crescido e estudado em escolas da cidade de Matinhos. Sendo estudante facilmente percebi que existe uma grande carência no aprendizado da música, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio nas escolas municipais e estaduais locais. Percebi então que uma pesquisa mais aprofundada sobre a música local poderia ser material útil para trabalhos em sala de aula junto aos alunos das escolas de Matinhos, porém em minhas buscas, não encontrei referências bibliográficas quanto a música e ao rock produzido pelos moradores de Matinhos, por isso decidi investigar, através de entrevistas com moradores mais antigos e músicos matinhenses conseguindo obter material bastante interessante para a divulgação do rock local.

Por outro lado, durante esta pesquisa acabei por identificar também (e lamentavelmente) que a Lei 11.769 de 2008, que tornou obrigatório o ensino de música nas escolas, não está sendo devidamente respeitada nas escolas do litoral paranaense, mesmo tendo entrado em vigência no ano de 2011. Foram necessárias, portanto, pesquisas diferentes para chegar ao resultado final apresentado, sendo imprescindíveis pesquisas bibliográficas e também de campo. Desta forma, para melhor compreensão desta pesquisa ela foi dividida sob os seguintes temas: música

ocidental; história do rock; o rock brasileiro; a história de Matinhos; a música desenvolvida em Matinhos; O rock de Matinhos.

2 HISTÓRIA DA MÚSICA NO SÉCULO XX ATÉ O INÍCIO DO ROCK.

O século XX foi um período de mudanças rápidas e grandiosas, caracterizadas por uma aceleração impressionante da tecnologia, do consumo, das comunicações: em resumo, de tudo aquilo que tornou a música acessível a todos. Nesse século os homens tiveram de se adaptar aos muitos progressos que refletiam no seu dia-a-dia (MIRANDA, 2003).

Com grandes avanços científicos e tecnológicos no século XX, a arte teve um impacto arrasador nas inspirações dos artistas devido às duas grandes guerras. Este século tornou-se também o primeiro a ter o privilégio de poder ouvir as músicas de todos os outros períodos. Ou seja, com a tecnologia desenvolvida neste período foi possível ouvir reconstruções gravadas desde o canto gregoriano da Idade Média, até a polifonia da Renascença e as músicas do período Barroco, Clássico, Romântico entre todas as outras (MIRANDA, 2003, p.94).

O registro discográfico permitiu a qualquer um, a qualquer momento do dia, ouvir não só as grandes obras-primas do passado, como também as músicas de todos os povos da Terra. Com isso, o cenário da música deixou de ser/estar dominado pela tradição ocidental, para se abrir a uma multiplicidade de experiências diversas que reivindicavam igual dignidade em cima dos palcos: do jazz ao rock, da música popular à música étnica (CATUCCI, 2001, p.104).

De acordo com Catucci, (2001), a música da primeira metade do século XX guardou a esperança da renovação cultural e social graças às experiências das vanguardas. A difusão do disco deu um grande impulso a gêneros emergentes como o jazz, assim como o aparecimento do cinema ofereceu à música um novo âmbito de aplicações. Após a Segunda Guerra Mundial, a música assimilou os princípios do sistema produtivo, organizando-se como uma autêntica indústria. Explodiu então o rock'n'roll, fenômeno musical e cultural, cujo símbolo maior foi o grande festival Woodstock¹.

¹ Woodstock foi um festival realizado em Agosto de 1969, onde mais de 300 000 jovens participaram no primeiro grande encontro *rock*, tornando a música um veículo de emoção comum e expressão do desejo de mudar o mundo e a própria vida (CATUCCI, 2001).

2.1 O ROCK: RAÍZES E DESENVOLVIMENTO

O blues teve um filho e o chamaram de rock'n'roll (Muddy Waters)

O rock foi criado no sul dos Estados Unidos pós-Segunda Guerra Mundial, em um momento de tranquilidade econômica e satisfação social. Mesclando gêneros musicais de origem negra, como o blues², com diferentes vertentes musicais urbanas, o rock surge no início dos anos 1950 transcendendo, de maneira polêmica e controversa, a divisão racial nos EUA (ROCHEDO, 2011, p. 15.). O rock surge também apoiado e apoiando a imagem do “jovem rebelde” que tinha a necessidade de enfrentar os padrões morais e comportamentais da sociedade de sua época.

Em termos históricos, o movimento gerado pelo desenvolvimento do rock'n'roll significou uma ruptura geracional, por despontar como um componente próprio de uma juventude pós-guerra. Com o rock houve uma “divisão”; foi criada “fenda” entre gerações, uma vez que ele “refletiu e falou” dos e aos jovens (ROCHEDO, 2011, p.15).

O termo “rock'and'roll” já havia sido utilizado antes da década de 1950 e muitas vezes foi utilizado como gíria para designar sexo (CAVALCANTI, 2015). No entanto, em 1951, o DJ Alan Fred, de Cleveland, usou-o pela primeira vez para identificar um gênero específico de música, no programa de rádio noturno “*Moog dog house party rock'and'roll*”. Este fato acabou por desencadear o primeiro show de rock, que aconteceu em Cleveland, em 21 de março de 1952 (KINDERSLEY, 2014, p.314).

Segundo Friedlander (apud ROCHEDO, 2011, p.16), pode-se elencar os principais marcos da história do rock internacional. Primeiramente aquele que aconteceu entre 1945-1955, com a explosão do estilo que viria a ser considerado o rock'n'roll clássico. Neste período, foi lançada a música “Rocket 88”, de Ike Turner (considerada por alguns a primeira música de rock'n'roll). Foi lançado também em 1955, o filme “The Blackboard Jungle”, dirigido por Richard Brooks. Este filme apresentou a música “Rock around the clock”, que o conjunto “Bill Haley and His Comets” havia gravado um ano antes. Em seguida, entre os anos de 1963-1964, aconteceu a invasão da música inglesa nos EUA. Após, entre os anos de 1967-1972,

² As origens do blues são em grande parte um mistério, mas não há dúvidas de que surgiu como gênero musical no extremo sul dos Estados Unidos, no início do século XX.

aconteceu o amadurecimento sincrônico de artistas de vários gêneros, incluindo aqueles da primeira invasão inglesa e a ascensão dos “reis da guitarra”.

2.1.1 Vertentes do rock

É importante frisar que inúmeras vertentes de rock surgiram após as primeiras manifestações do rock e receberam também diversas nomenclaturas, tais como:

- Blues rock: no início da década de 1960, quando os britânicos descobriam o blues, o público afro-americano já estava um passo à frente. Na mesma década, quando o blues parecia perder espaço nos EUA, foi adotado com entusiasmo por jovens músicos britânicos como Rolling Stones e o Fleetwood (KINDERSLEY, 2014, p. 328).
- Rock pesado, heavy rock ou heavy metal: uma mistura de blues rock e psicodelismo que ocorreu no final da década de 1960, quando os astros de rock que idolatravam músicos dos blues ao violão, criaram sua própria versão elétrica e possante do gênero criando o rock pesado no início dos anos 1970 (KINDERSLEY, 2014, p. 330). Nesta época, o cantor americano de rock, Alice Cooper afirmava que “Os hippies queriam paz e amor. Nós queríamos Ferraris, louras e canivetes.” (KINDERSLEY, 2014, p. 331).
- Rock eletrônico: no fim da década de 1960, o long-play (LP) permitiu a afirmação artística dos grupos de rock. Com ele, surgiam novos sons produzidos em instrumentos inovadores. A guitarra se manteve presente desde os primórdios do rock’n’roll, como o instrumento principal do gênero. No entanto, dos primeiros sintetizadores Moog da década de 1960 aos laptops atuais, o som eletrônico se tornou elemento importante do léxico musical do rock. Grupos de rock como Beatles e Rolling Stones extrapolaram os limites do som produzido em estúdio (KINDERSLEY, 2014, p. 336).
- Punk rock: o “rock de garagem” americano dos anos 1960 pode ser considerado punk antes da invenção do termo. O Rock de garagem ganhou esse nome porque a maioria dos jovens morava com os pais e a garagem era o único lugar que podiam ensaiar. Era mais primitivo e podia ser gravado a baixo custo. Poucos movimentos na música do século XX foram tão peculiares

quanto o punk. Barulhento, rústico e irreverente, atraiu uma geração descontente que se definia pelo desprezo às tradições musicais e a tudo o que fosse considerado moda (KINDERSLEY, 2014, p. 356).

- Rock alternativo: o legado do “faça você mesmo” do punk levou ao surgimento de um número sem precedentes de gravadoras independentes na década de 1980. Uma nova geração de bandas – que pouco se preocupava em estar nas paradas de sucesso – gravava com pouco dinheiro e percorria circuitos universitários com a chamada música “indie” ou “college rock”. Nas décadas de 1980 e 1990, o chamado rock alternativo e/ou música *underground*, passou a ser cada vez mais comentada em revistas “obscuras” e ouvidas por dedicados fãs estudantis, passando a ser uma entidade comercial mundial (KINDERSLEY, 2014, p. 358).

2.2 O ROCK NO BRASIL E O ROCK BRASILEIRO

Segundo Rochedo (2011), o rock nacional enfrentou muitas dificuldades para conquistar seu espaço. Sua trajetória passa por três momentos distintos que contribuíram para o fortalecimento do rock – principalmente na década de 1980, quando houve sua grande explosão.

Num primeiro momento, tem-se a atuação de artistas da década de 1950, que gravaram músicas americanas de rock em versões em português, introduzindo o gênero no cenário nacional brasileiro. A paulista Celly Campello, no final dos anos 1950 ficou famosa ao gravar versões de rocks americanos, como “Banho de Lua”, em 1968, e “Estúpido Cupido”, em 1959. Ao mesmo tempo, é lançado o filme estadunidense “Sementes da Violência” (1955), que possuía versão da trilha sonora gravada por Nora Ney (em 24 de outubro de 1955) – tido como o primeiro álbum de rock gravado no Brasil (ROCHEDO, 2011, p. 21).

Em um segundo momento, na década de 1960, surge o fenômeno “Jovem Guarda” (nome derivado de um programa de TV dominical, que divulgava os artistas jovens). Esse movimento possuía uma linguagem própria, chamada de “iê-iê-iê”³ e

³ A denominação iê-iê-iê origina-se da música do grupo inglês Beatles, denominada *She loves you*, na qual o grupo cantava: “*She loves you/yeah, yeah, yeah* (...)” (ROCHEDO, 2011)

atingiu grande repercussão entre a juventude no programa de música jovem de mesmo nome, “Jovem Guarda”, apresentado por Erasmo Carlos, Wanderléia e Roberto Carlos. Além dos três apresentadores, outros jovens como Jerry Adriani, Ronnie Von e Carlos Imperial (como produtor), protagonizavam a cena nacional de rock desta época (ROCHEDO, 2011, p. 22). Dapieve (1995), sinaliza a distinção entre o rock dos Campello, na década de 1950 e o produzido pela Jovem Guarda, em 1960: “A Jovem Guarda avançava em relação à geração dos Campello, tanto musical quanto tematicamente. As músicas não eram mais suporte para os vocais, a guitarra ocupava cada vez mais agressivamente o seu espaço”.

Durante a ditadura no Brasil (que aconteceu entre os anos de 1964 e 1985), o movimento estudantil adquiriu visibilidade com a participação de alguns artistas que compunham músicas de protesto. Com isso, os que estavam do lado da MPB (Música Popular Brasileira) viam a Jovem Guarda como uma falta de comprometimento que esvaziava a cabeça dos jovens. Estimulada pela mídia, a tensão entre os dois movimentos (MPB e Jovem Guarda) que só aumentava, fez com que em 1967, em seu auge, houvesse uma “passeata contra as guitarras elétricas”, liderada por Elis Regina e Geraldo Vandré (ROCHEDO, 2011, p. 23-24).

O terceiro momento do rock nacional ocorreu no final dos anos 1960 com o movimento Tropicália e nos anos 1970, com Os Mutantes e Raul Seixas. Com o “tropicalismo”, mesmo que a linguagem predominante não fosse o rock, a postura do grupo era “roqueira” uma vez que tinha algumas características contra culturais, como: roupas coloridas, cabelos compridos para os homens, guitarras elétricas e outros elementos da linguagem do rock. A Tropicália surgiu na primeira parte do regime militar devido a rejeição de uma parte da juventude à guerra no Vietnã. Nesta época, em diversas partes do mundo, as pessoas adotaram diferentes versões de pacifismo, muitas influenciadas por religiões orientais, como o budismo (ROCHEDO, 2011, p. 24). Ainda no período da “Tropicália”, surge o cantor Raul Seixas, fazendo a junção da música regional nordestina e o rock psicodélico – com elementos do rock nos anos 1950 e 1960 e letras bastante elaboradas (em parceria com o escritor Paulo Coelho). Sem escapar das influências regionais, Raul Seixas trilhou um caminho diferenciado no rock (ROCHEDO, 2011, p. 25-26).

O amadurecimento do rock no Brasil se dá, finalmente, na década de 1980. O BRock (nome criado por Arthur Dapieve, na imprensa, para designar a estabilidade

do rock no Brasil) realizado e consumido por jovens, estabelece uma relação de percepção de mundo diferenciada que refletia o processo de transição política que o país passava (ROCHEDO, 2011, p. 30-31).

3 O ROCK NA CIDADE DE MATINHOS

A região litorânea paranaense onde hoje existe a cidade de Matinhos está localizada a 110 quilômetros de Curitiba, capital do estado. A cidade possui como bairros/balneários: Jardim Monções, Arco Íris, Céu Azul, Corais, Junara, Iracema, Lages, Caravela, Costa Azul, Guaciara, Albatroz, Porto Fino, Currais, Jamail Mar, Perequê, Ipacarái, Betaras, Solimar, Marajó, Gaivotas, Jardim Inajá, União dos Ferroviários, Saint Etienne, Flórida, Praia Grande, Riviera I, II e III, Flamingo, Caiobá, Tabuleiro, Sertãozinho, Palmeiras, Vila Municipal, Bom Retiro, Rio da Onça (Zona Rural), Cambará (Zona Rural), entre outros (CULTURA, 2018).

3.1 A MÚSICA EM MATINHOS

Para saber mais sobre a história da música na cidade de Matinhos foram entrevistados 4 moradores da cidade (Narcinda da Silva Ramos – entrevistada 1 e avó paterna do autor deste TCC; Hilário César Cunha – entrevistado 2 e avô materno do autor do TCC; Marins José da Silva – entrevistado 3, aposentado, ex funcionário público da cidade de Matinhos já tendo sido Diretor do Departamento de Esportes). Estas entrevistas serviram para entender melhor algumas questões sobre um passado pouco documentado da cidade. Por outro lado, o atual diretor do departamento de cultura da cidade, Delcio Thadeu Ramos (entrevistado 4 e pai do autor deste TCC), discorreu sobre o desenvolvimento dos aspectos artísticos-culturais da mesma.

De acordo com Delcio Thadeu Ramos (48 anos), ao lado das questões históricas, já bastante estudadas sobre a região litorânea do Estado do Paraná, que deixaram singulares heranças culturais e das manifestações artísticas trazidas pelos colonizadores europeus, o município de Matinhos também recebeu influências socioculturais dos povoadores de Paranaguá (cultura de São Paulo) e de Guaratuba (cultura de Santa Catarina). Os “caboclos” que aqui moravam mantiveram a dança e a música como arte, porém, atualmente estas manifestações se encontram bastante “mescladas”. O Fandango ainda é bastante reproduzido (principalmente em Paranaguá) e utilizado para confraternizar e, a Folia de Reis e a Dança de São Gonçalo praticadas folcloricamente pelos católicos. Motivada pelo entretenimento a “vila de pescadores” de Matinhos fez a rabeca, em algum momento, passar a ser

acompanhada pela gaita (acordeom), e as salas domiciliares ou terreiros ficaram pequenos para os “arrasta pés” que aconteciam. Surgiram, então, os primeiros salões de baile, os novos “bailes de carnaval”, que com o passar dos anos foi perdendo força entre os músicos de Matinhos.

Delcio continua explicando que antes da emancipação de Matinhos não haviam muitos músicos que tocavam em bailes ou faziam apresentações pela região – mas que era fácil encontrar pessoas tocando e cantando em suas próprias casas.

Jocelina Santana Bonatto (1935 – 2003), escreveu um livro intitulado “Gigi, de volta ao passado” (s.d.) e nele conta que: “[...] *também porque eram dias de chuva que meus tios recebiam a visita dos primos que moravam pela redondeza, o João Fernandes, o Máximo Ricardo – os que me lembro bem – para tocarem violão, cavaquinho, pandeiro e cantar.*”. Neste livro recorda também algumas músicas que seus parentes tocavam em casa, as chamadas “músicas de baile”: *“Uma começava assim: ‘Aos pés da Santa Cruz, você se ajoelhou, em nome de Jesus. Um grande amor você jurou, jurou, mas não cumpriu. Fingiu e me enganou... Pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem tantas razões que a própria razão desconhece. Faz juras de amor e depois esquece’.*” “Gigi”, apelido de Jocelina, também recorda que nesses encontros em dias chuvosos não havia fandango, não por não saberem tocar, mas porque todos eles já estavam ficando “moderninhos” e abandonando suas origens.

Delcio Ramos, contou também que alguns nativos aprenderam a tocar instrumentos e cantar, outros “de fora” (do município) trouxeram seu conhecimento e se estabeleceram na cidade. Havia ainda a participação dos veranistas curitibanos que contribuíram bastante para a constante adequação e atualização no desenvolvimento dos movimentos culturais de Matinhos.

Em entrevista, Dona Narcinda da Silva Ramos (73 anos) (entrevistada 1), antiga moradora e uma das primeiras professoras do município de Matinhos, conta que até a década de 1950, quando a cidade ainda era considerada distrito de Paranaguá, o Fandango (introduzido pelos portugueses, vindo do Minho e de Trás-os-Montes e pelo luso-brasileiro, mais propriamente pelos paulistas) era muito popular na região. De acordo com Narcinda, a partir de 1967, quando o município de Matinhos foi fundado, a Banda da Base Aérea tocava no “Baile do Seu Leônidas”, local que em seguida passou a ser o prédio da Prefeitura Municipal de Matinhos, Fórum e hoje se

encontra a Casa da Cultura de Matinhos. *“(...) em meu casamento foi a banda do meu primo, que morava em Paranaguá, quem tocou”.*

Hilário César Cunha (73 anos – morador do município antes mesmo de sua emancipação) (entrevistado 2), lembra também que na década de 1960 haviam os chamados “bailinhos” pela cidade, como por exemplo o “Salão da Lica”, “Baile do Mario Braga”, “Salão do Edmilson Mesquita”, entre outros. Nesses bailes tocavam músicos como “Juca de Caiobá”, “Pedro Gaitero” (que morava em Guaratuba), “Nenê Gaitero”, “Alfredo Gurski” e “Gaúcho Polícia”,

Segundo Delcio Ramos, atualmente Matinhos conta com muitos nomes de destaque na arte musical, artes plásticas, dança e artesanato, além da gastronomia, o que a levou a desenvolver uma identidade artístico-cultural (ainda em construção) completamente adaptável às várias influências – o que já é uma atração à parte e que atrai vários turistas para esta “Namorada do Paraná”, conta o atual diretor de cultura.

3.1.1 Festivais de Música

Através de Marins José da Silva, nascido e criado em Matinhos, obtive informações quanto aos festivais de música realizados por ele no município – *“(...) Em nossa cidade, entre as décadas de 1980 e 1990, foram realizados aproximadamente 24 festivais e “domingos sertanejos”, todos beneficentes, chegando a arrecadar 17 toneladas de alimentos e mais 12.000 peças de roupas que foram entregues ao povo matinhense pelas primeiras damas que passaram em nossa cidade (...).*

Dentre os locais onde foram realizados os festivais, Marins recorda do SESC, Bailão do Nelo e em especial do Clube do Mika, o qual em sua opinião foi o clube mais popular que Matinhos já teve. Marins lembra também de músicos que “surgiram” através dos festivais: *“(...) os saudosos Amém, Lobão e Dona Dalva, que hoje não se encontram mais conosco, mas deixaram sua contribuição para esses eventos, os músicos que hoje são profissionais, Renan e Ravel, Ramom e Rodrigo, Paulinho e Deva e Ricardo, além de tantos outros que abrilhantaram os eventos, como Fernandinho, Marisa e Joaquim, Simone e Simoni, os Bananeiros, Kid e Colt, Bom de Bolso e Bem de Vida, João Maria, Toquinho, Tiãozinho, Carlinhos, Lázaro e outros (...).*

Além dos festivais sertanejos realizados por Marins, em 1972, com a orientação de Frei Ângelo Mamo foi organizado o “1º Festival de Canção Popular de Matinhos”, contando com a ajuda de José João Min (Gerente do Parque Balneário Caiobá) e João das Neves (Jango), que foi “um grande sucesso”. No ano seguinte, entre os dias 05 e 07 de outubro, foi realizado pelos Telecistas, novamente sob a orientação do Frei Ângelo, o “2º Festival da Canção”, no Parque Balneário Caiobá (ALBUQUERQUE, 2018).

3.2 O ROCK DE MATINHOS

Devido à falta de conteúdo bibliográfico quanto a história do rock na cidade de Matinhos, foi também realizada uma pesquisa de campo para levantar quem eram os “roqueiros” do município. Através da pesquisa foi possível contatar Rubson César Martinez⁴ conhecedor da história do rock em Matinhos. Para Rubson, as principais manifestações culturais existentes na cidade advinham de outras cidades. Havia músicos, como o “Zé Bagunça” que tocavam em bares e “bailões”, porém, o estilo musical que mais agradava ao público era a MPB e o samba. Não haviam apresentações de bandas de rock, não havendo portanto, registros de bandas de rock anteriores a década de 1980.

Segundo Rubson, em 1985, foi criado um bar com o nome de “Cometa” (por causa do “cometa Halley”), próximo de onde hoje se encontra a Câmara Municipal de Matinhos. Nesse bar começaram a se apresentar as primeiras bandas de rock, trazidas da capital, Curitiba. O estilo dessas bandas era mais “calmo”, algo como um “Pop-Rock”, seguindo a linha de bandas como “Beatles”. Bobi conta que foi através dessas bandas que alguns moradores/músicos de Matinhos começaram se interessar realmente pelo rock, começando a tentar “arranhar alguma coisa”. Segundo ele, nada profissional. Nessa mesma época haviam festivais de música organizados pelo SESC – nestes festivais todos os participantes tocavam sertanejo, samba ou MPB. “Ninguém se atrevia a tocar o Rock, não era “cultural fazer isso”, afirma Rubson.

Em 1988/89 as bandas de rock ou “bandas de garagem” surgiram no Brasil e com isso as bandas de Matinhos também começaram a aparecer. Foi na garagem,

⁴ Músico da cidade de Matinhos e conhecido pelo apelido de Bobi, 49 anos. Chegou em Matinhos no ano de 1981.

sem acústica nenhuma, da casa da mãe de Rubson que começaram a sair os primeiros sons. Músicos como Dídi, Jean Bida, João Pestana e Sidnei Dormes, se reuniam nessa garagem, com a autorização de “Dona Ani da Silva Martinez”. Havia também outra garagem, em frente à sua casa, que eles utilizavam para realizar seus ensaios. Segundo Rubson *“(...) dois músicos vieram morar na cidade de Matinhos pois estavam se sentindo “sufocados” em Curitiba por não ter onde tocar e na praia havia essas casas onde se reuniam várias bandas para fazer seus sons (...)”*. *“Por não haver uma cultura do rock na cidade, estes primeiros músicos sofreram com alguns preconceitos dos demais moradores. Um dos maiores problemas no início era obter os instrumentos, ninguém tinha instrumentos adequados para tocar, pois era muito caro”*. No lugar da guitarra, Rubson usava seu próprio violão capitalizado, o som era um “3 em 1” plugado num auxiliar. Jean (amigo de Rubson) utilizava uma bateria velha que havia comprado e reformado. Rubson conta que quando os músicos começaram a se apresentar nos “barzinhos” matinhenses, já estavam há mais ou menos dez anos praticando.

Outro motivo que impediam as apresentações era a idade dos componentes das bandas. A maioria dos músicos tinham entre 14 e 17 anos e só conseguiram comprar seus próprios instrumentos após começarem a trabalhar. Após certo tempo, alguns músicos começar a conseguir adquirir novos instrumentos, mas nem todos tiveram esse privilégio, então a saída era juntar os equipamentos novos de cada um nas diferentes garagens e revezá-los, ou seja, várias bandas utilizavam a mesma aparelhagem, reservando horários para os ensaios. Neste momento houve uma transformação no rock de Matinhos – ele migrou do “Pop-Rock” para o “Rock Underground” tendo como inspiração a banda “Ramones”. As principais influências nacionais eram Titãs, Paralamas do Sucesso e Renato Russo.

Em 1990, o SESC realizou seu último festival de música. Neste momento 4 bandas matinhenses se apresentam *“(...) foi um espanto para todos”*, comenta Rubson. Infelizmente nenhuma delas se classificou, pois não era algo “cultural” na época, os juízes que julgavam eram moradores da cidade que estavam acostumados com o sertanejo e o samba, sendo as três músicas finalistas sertanejas.

Na década de 1990 foi criada também uma pista de skate na praça Hildebrando de Araújo (praça central de Matinhos) que servia de encontro para os músicos/skatistas que ouviam punk-rock. Com o fim dos festivais de música do SESC,

esta praça passou a oferecer campeonatos de skate que contavam com alguns atletas vindos de Curitiba. As bandas matinhenses aproveitaram a ocasião para mostrar seu som, conseguindo assim espaço para tocar em outras cidades como Paranaguá e Curitiba. Nestas cidades tocavam sempre em bares “undergrounds” lembra Rubson *“(...) quando uma banda ia tocar num bar, todos iam. Não havia rivalidade entre os músicos, ninguém queria ser melhor que o outro, a ideia era tocar, apenas isso (...)”*. *“(...) se eu tocava em uma banda mas você precisava de uma guitarra solo na sua, eu fazia o solo pra você (...)”* finaliza. Outro local onde os músicos e os admiradores do rock se encontravam em Matinhos era um bar na prainha (o qual Rubson não recorda o nome). Esse bar funcionou por dois anos - no terceiro ano não teve liberado alvará para que continuassem existindo. Houve também outro festival de música, onde hoje se encontra a “Feira de Verão” – quinze bandas se inscreveram para participar, entre elas, onze eram de rock. Rubson conta que não deixaram que todas as bandas tocassem pois “não era o que o público queria ouvir”.

Após a década de 1990, Rubson comenta que não surgiram mais bandas de rock. Foram criadas bandas de pagode, duplas sertanejas, ou até bandas que também tocavam rock, mas nenhuma que tocasse apenas o rock. Rubson lamenta e diz que *“é uma pena que o rock não seja um estilo musical que agrada as pessoas, pois vem de uma reputação ruim... aqui em Matinhos não teve mais espaço. O que vende aqui no litoral é o sertanejo e o pagode (...)”*. *“(...) devido a essas bandas irem na contramão de tudo numa cidade pequena, onde não tinha uma cultura do rock, infelizmente não funcionou, mas eles não ligavam pra isso, se teriam público ou não, pois o público eram eles mesmos”. (...) outro motivo pelo qual essas bandas não conseguiram se manter e o rock matinhense se dispersou foi o fato de que cada integrante foi criando família, fazendo faculdade, entrando em serviços, mas apesar disso, o rock em Matinhos não acabou (...)*.

Atualmente, pelo menos uma vez ao mês, alguns músicos como Fabrício Marques, Arilson Mendes e Teté Pompeu continuam a se encontrar e tocar rock. Apenas informalmente e agora em um estúdio profissional. Não tocam mais por dinheiro, apenas pelo prazer. Vários músicos de várias bandas, continuam a se reunir para tocarem juntos. Já chegaram a gravar algumas músicas, inclusive a maioria autorais. Para Rubson *“(...) essas pessoas são como uma “família do rock” (...)”*.

3.3 BANDAS DE ROCK MATINHENSES⁵

Dentre os motivos que me levaram a pesquisar sobre o rock matinhense, o que mais me marcou foi o de não existirem registros bibliográficos desse estilo musical na cidade, nem mesmo registros sobre a música criada e desenvolvida no município. A década de 1990 foi o auge do rock brasileiro e este foi o momento em que as bandas matinhenses também surgiram. Entre os anos 1990 e 2015 muitas bandas foram criadas no município de Matinhos e para ter a ficha técnica delas decidi começar pelos músicos com os quais eu já tinha contato. Comecei então por Fabrício Marques, músico das bandas ELETRIC MUD e ENTRUDO.

3.3.1 Eletric Mud

Nome da Banda	Electric Mud (antes Silverbullets)
Ano de Criação	1997 – 1999
Primeiros Integrantes	Fabrício Marques (Guitarra, voz), Cesar Leite (baixo), Fabio Arins (bateria), Saul Ribeiro (guitarra), Wesley Nonis (bateria - substituiu Fabio).
Quantas Formações	Teve início como um trio. Juntaram-se posteriormente a segunda guitarra e houve uma substituição de baterista.
Músicas Gravadas	Aproximadamente 10 em K7. Gravada em home studio com gravador profissional sem overdubs.
Lugares nos quais já se apresentaram	Apenas Matinhos
Estilo de Rock	Rock Alternativo/Grunge
Dificuldades	Falta de equipamentos. As linhas populares eram muito mais caras do que são hoje. Dificuldades para comprar cordas dos

⁵ Os dados e informações que fazem parte deste tópico em diante, foram obtidos através de entrevistas gravadas e com consentimentos assinados. As perguntas eram feitas livremente a partir de um esquema básico de dados que não poderiam faltar, e que foram produzidos anteriormente: Nome da banda; Ano de criação; Primeiros integrantes; Quantas formações; Músicas gravadas; Lugares nos quais se apresentaram; Estilo de rock; e Dificuldades enfrentadas.

Entrevista com Fabrício Marques da Silva, morador desde 1978 e componente de bandas de rock em Matinhos, em 05 de abril de 2016. Músicos entrevistados: Willian Anderson Almeida Martim (morador entre 2008 e 2017); Kelvin Amaral, morador nascido em Matinhos; Angélica Tavares de Souza, moradora desde 1988; Letícia Valérie Cunha Ramos, moradora desde 1992; Matheus Webber, integrante de bandas de rock em Matinhos; Rubson César Martinez, morador de Matinhos desde 1981 e componente de bandas de rock em Matinhos, em 21 de maio de 2018.

	instrumentos e baquetas. Dificuldade para elaboração de logística. A cada show desencadeava-se um processo desgastante de reunir forças para carregar instrumentos e conseguir transporte. Sempre existiu a necessidade de obter a colaboração de amigos de outras bandas para empréstimo de equipamentos
P.S.	A banda não existe mais. Não havia patrocínio algum na época. Desconheciam sobre a Lei Rouanet.

3.3.2. Entrudo

Nome da Banda	Entrudo
Ano de Criação	2000 - 2005
Primeiros Integrantes	Diego Zabala (voz), Fabrício Marques (Guitarra), Alisson Ferreira (baixo), Junior Bueno (bateria), Teté Pompeu (baixo), Alexandre Leocádio (guitarra).
Quantas Formações	3 formações: iniciou com Diego, Fabrício, Alisson e Junior. Teté substituiu Alisson no baixo. Alexandre substituiu Fabrício na guitarra.
Músicas Gravadas	1 música gravada em estúdio profissional e aproximadamente 10 coletadas em shows ao vivo por equipes profissionais.
Lugares nos quais já se apresentaram	Matinhos, Guaratuba, Paranaguá, Pontal do Paraná e Curitiba: com direito à apresentação no “lendário” Bara Bill’s.
Estilo de Rock	Mescla de Rock, Funk Metal e Rock Alternativo com músicas folclóricas do Litoral do Paraná e música brasileira.
Dificuldades	Falta de equipamentos. As linhas populares eram muito mais caras do que são hoje. Dificuldades para comprar cordas dos instrumentos e baquetas. Dificuldade para elaboração de logística. A cada show desencadeava-se um processo desgastante de reunir forças para carregar instrumentos e conseguir transporte. Sempre existiu a necessidade de obter a colaboração de amigos de outras bandas para empréstimo de equipamentos
P.S.	A banda não existe mais. Não havia patrocínio algum na época. Desconheciam sobre a Lei Rouanet.

3.3.3 NTN

Para conseguir os dados das bandas NTN e 78K, entrei em contato com o ex aluno/professor da antiga escola de música “D’Ramos” (fechada em meados de 2011), em Matinhos, Matheus Webber.

Nome da Banda	NTN
Ano de Criação	2001 – ainda existente.
Primeiros Integrantes	Jonathas Barros “Jota” (Bateria), Matheus Webber “Matha” (Guitarra) e Miguel Dubrini (Baixo).
Quantas Formações	2 formações: Rodrigo “Roy” (baixo) (2002 – 2003) e Alexandre Carniel “Alekiz” (Vocal) (2007 – 2008)
Músicas Gravadas	NTN – NTN (Demo) (2001): 7 músicas autorais gravadas em K7/CD; AO VIVO LINUS BAR (2017): Gravado ao vivo no Linus Bar Curitiba em 2017.
Lugares nos quais já se apresentaram	Diversos bares e casas em Matinhos e “92 Graus”, em Curitiba.
Estilo de Rock	Punk Rock
Dificuldades	A maior dificuldade no início foi encontrar espaço para o tipo de som que faziam. Por ser uma banda de punk rock, as casas e bares raramente abriam espaço para a banda. A solução foi, com o tempo, desenvolver e produzir as próprias festas/eventos e festivais. Outra dificuldade foi encontrar um lugar para manter ensaios regulares.
P.S.	Desde 2001 a banda existe de forma independente, sem nenhum tipo de apoio privado ou público. Lançará, até o final de 2017, material ao vivo. Possui atualmente estúdio e produz festivais próprios, abrindo e ampliando o espaço para novas e antigas bandas que sofriam com o mesmo problema.

3.3.4 78K

Nome da Banda	78K
Ano de Criação	2006 – 2008
Primeiros Integrantes	Diego Kochinski (bateria), Matheus Webber “Matha” (Guitarra), Wanilton Júnior “Wans” (baixo) e Alexandre Carniel “Alekiz” (vocal/guitarra).
Quantas Formações	Nelson Arruda (2007 – 2008) (guitarra)
Músicas Gravadas	78K - #1 (Demo) (2007): 3 músicas autorais gravadas em CD/MySpace
Lugares nos quais já se apresentaram	Diversos bares, casas e festivais em Matinhos e Paranaguá, Curitiba e São Paulo/SP.
Estilo de Rock	Hardcore
Dificuldades	A maior dificuldade que tiveram no início foi encontrar um local apropriado para os ensaios, que eram em sua maioria realizados em quartos adaptados na casa dos integrantes. Por terem um estilo rápido e pesado, geralmente tinham problemas com a vizinhança por não possuírem isolamento acústica adequada. A banda teve uma vida bastante curta de 2006 a 2008, mas realizou muitos shows principalmente em Paranaguá, conquistando um bom público. Encerraram as atividades da banda em 2008 para dar início a novos projetos pessoais e musicais.
P.S.	Atualmente o integrante Matheus (Matha) está resgatando antigas músicas não gravadas compostas durante a última fase da banda. Planeja junto com Alekiz Carniel (Uísque Caiçara) lançá-las em <i>streaming</i> no ano de 2017, em um show especial de reunião da banda.

3.3.5 Isa Duff

Para obter informações sobre esta banda, conversei com Letícia Valérie e com Angélica Tavares, acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes, turma 2015.

Nome da Banda	Isa Duff
Ano de Criação	2008 – 2013
Primeiros Integrantes	Morgana Souza, Baby, Ana Paula e Manna.
Quantas Formações	Kamila, Letícia Valérie. No fim permanecendo apenas Letícia Valérie (vocal e guitarra), Ana Paula (baixo e backing vocal) e Manna (bateria).
Músicas Gravadas	Sonhos Indestrutíveis; Enxergar a Verdade; Butterfly Effect e Fantástico Mundo Real.
Lugares nos quais já se apresentaram	Somente no Litoral do Paraná
Estilo de Rock	-
Dificuldades	Principalmente dificuldades financeiras para poderem se deslocar e tocar em novos lugares. Por este motivo perderam a oportunidade de tocar em São Paulo. Sofreram também alguns preconceitos por ser uma banda composta somente por mulheres: eram geralmente deixadas para se apresentar ao final dos shows e não poucas vezes tiveram seu tempo de apresentação diminuída.
P.S.	Nunca obtiveram patrocínio. Conheciam a Lei Rouanet, mas nunca tiveram a iniciativa de fazer um projeto para obtenção de financiamento cultural. Venceram o primeiro FBGP (Festival de Bandas de Garagem de Paranaguá), deixando 12 bandas masculinas para trás. Isa Duff foi à primeira banda feminina do Litoral do Paraná.

3.3.6 Skurf

Informações obtidas com o músico Kelvin Amaral, acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes, turma 2018.

Nome da Banda	SKURF
Ano de Criação	2011 – ainda existente.
Primeiros Integrantes	Jean (Guitarra), Kelvin (Guitarra), Pedro (Baterista), Gile (Baixo) e Geovane (vocal).
Quantas Formações	Felipe (baixo), Pedro Henrique (baixo) e Emanuel Bordin (baixo).
Músicas Gravadas	Sonhos; Eu Vou Mudar; Eu Sei; Noite de Verão.
Lugares nos quais já se apresentaram	Litoral do Paraná e São Paulo
Estilo de Rock	Rock alternativo, reggae.
Dificuldades	Pouco dinheiro. Começaram com apenas dois violões. No início ensaiavam em um quarto que ficava nos fundos da casa de um vizinho do guitarrista Jean (fazendo apenas som acústico).
P.S.	A banda decidiu encarar em 2014 um novo desafio e passar a criar um som próprio, com uma “pegada” mais original, <i>riffs</i> marcantes, mantendo sua verdadeira essência. Foram influenciados por bandas como Blink 182, Charlie Brown Junior, Onze:20, CPM 22, entre outras.

3.3.7 Matosunrise

MATOSUNRISE, fiz contado com o músico Willian Martim para registrar as informações da banda, pois o mesmo estava à frente dela por mais tempo.

Nome da Banda	Matosunrise
Ano de Criação	2014 – 2015
Primeiros Integrantes	Diego Castellamarii (Vocalista), Willian Martim (Guitarrista Solo e Backing Vocal), João Victor Rosa (Baterista e Backing Vocal), Jhonny Marin (Guitarrista Base) e Willian Korsun "Japa" (Baixista).
Quantas Formações	Hugo Mendes (Guitarra Base). / Emanuel Bordin (Guitarra Base) / Jorge Nogueira (Bateria). / Felipe Sankio (Baixo). Douglas Gabriel (Bateria e Backing Vocal) / Matheus Ramos (Vocal) / Macalister Bezerra (Guitarra Base)
Músicas Gravadas	Não gravou nenhuma música.
Lugares Apresentados	Evento de Skate na beira da praia / Absinto Pub (Pontal do Paraná) / MAC (Matinhos Atlético Clube) / Colégio Estadual Gabriel de Lara / Festa de Aniversário da carreira do cantor Paulinho (Matinhos) / Feira da CIA Juvenil de Teatro da UFPR Litoral no Centro Cultural / Imperivm (aniversário de carreira da Banda Pakaya Soul).
Estilo de Rock	Rock alternativo
Dificuldades	Encontrar bons músicos para composição da banda. Falta de recursos financeiros para investir e a falta de compromisso de alguns músicos.
P.S.	Não teve nenhum incentivo cultural. Em 2013, Willian Martim e Diego Castellamarii iniciaram a busca por músicos para a formação da banca, entretanto, apenas em 2014 a busca teve fim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já citado na pesquisa, um dos entraves para a realização da mesma foi a falta de registro bibliográfico para a sua concretização, por esse motivo, a necessidade de desbravar por conta própria a busca de informações sobre o tema.

Por esse motivo, a apresentação dessa pesquisa torna-se de grande valor, pois se trata do primeiro registro referente ao rock do município de Matinhos, e servirá como base para futuras pesquisas e estudos sobre o tema. Entendo, portanto que todos os objetivos foram alcançados.

Considera-se valido todo o aprendizado adquirido na concretização deste trabalho e projeta-se que o mesmo possa ser utilizado como uma das bases para futuros planejamentos de aula do autor como arte-educador.

Nas entrevistas realizadas, formais e informais, pode-se perceber o saudosismo e o inconformismo dos músicos que já atuaram e ainda atuam no cenário musical da região litorânea, assim como as suas dificuldades pessoais, a falta de recursos para sustentar suas produções musicais, levando em consideração que esta é uma região onde é possível perceber um desinteresse pelas produções culturais em geral.

Tendo em vista não haver pesquisas anteriores sobre o rock de Matinhos, acredita-se que este se tornará referência deste tema, o que pode oportunizar a realização de novos trabalhos e estudos sobre o rock, não apenas como cultura local, mas em geral.

Por fim, é necessário pontuar a satisfação em se pesquisar sobre temas de preferência pessoal, dos quais se participam por vivência, e não apenas pela curiosidade. Muito se produziu sobre o rock regional, no entanto o recorte para o rock produzido na região de origem, nunca antes pesquisado ou registrado.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Marcos José de. e col. **Jubileu de Ouro**. S.l.:s.n., 2018.

ANDRADE, Mario; **Pequena história da música**. 9. ed., São Paulo: Martins, 1980.

BIGARELLA, João José. **Matinho: Homem e Terra – Reminiscências**. – Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos: Associação de Defesa e Educação Ambiental, 1991.

BLANNING, Tim. **O Triunfo da música: A ascensão de compositores, dos músicos e de sua arte** / Tim Blanning; tradução Ivo Korytowski – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BONATTO, Jocelina Santana. **Gigi, de volta ao passado**. Ed. Venezuela Ltda. s/d.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta A El Rey Dom Manuel** – Sabiá. Rio, 1968.

CATUCCI, Stefano. **A História da Música: sons, instrumentos, protagonistas**. [La storia della música / Stefano Catucci; tradução: Maria Arminda Teixeira]. – Porto, Portugal. Porto Editora, LDA. 2001.

CAVALCANTI, Paulo. **Os 60 Maiores Momentos da História do Rock and Roll**. Revista Rolling Stone, Ed. 107, 2015. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-107/os-60-maiores-momentos-da-historia-do-rock-and-roll#imagem0>. Acesso em 05 de setembro de 2018.

CHACON, Paulo. **O que é rock?** São Paulo: Perspectiva, 1982. 81.

CULTURA, Matinhos. **Dr. Eros Lepca: Primeiro Prefeito de Matinhos**. Disponível em: <http://culturadematinhos.blogspot.com.br/2013/09/dr-eros-lepca-primeiro-prefeito-de.html>. Acesso em: 05 de março de 2018.

CULTURA, Matinhos. **História**. Disponível em: <http://culturadematinhos.blogspot.com.br/p/matinhos-municipio-surgido-na-decada-de.html>. Acesso em: 22 de março de 2018.

CULTURA, Matinhos. **Prefeitos e Vereadores na História de Matinhos**. Disponível em: <http://culturadematinhos.blogspot.com.br/2012/09/prefeitos-e-veredores-na-historia-de.html>. Acesso em 04 de março de 2018.

DANTAS, Tiago. **"Rock"; Brasil Escola**. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/artes/rock.htm>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80** / Arthur Dapieve – Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. 224 p. (Coleção Ouvido Musical). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xCig3wjpgj4C&pg=PA14&lpg=PA14&dq=dapieve+a+jovem+guarda+avan%C3%A7ava&source=bl&ots=Jq2b75tmJo&sig=3Dd26V2jIJrllgQRxr4YifgGAF4&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj57-Sf8aHdAhWDh5AKHRAXBwUQ6AEwCnoECAkQAQ#v=onepage&q=dapieve%20a>

%20jovem%20guarda%20avan%C3%A7ava&f=false)=. Acesso em: 04 de setembro de 2018.

ESTEVES, Claudio Jesus de Oliveira. **Vulnerabilidade socioambiental na área de ocupação contínua do litoral do Paraná – Brasil.** / Claudio Jesus de Oliveira Esteves. Curitiba, 2011. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Tese_Claudio_2013.pdf. Acesso em: 26 de outubro de 2018.

FERREIRA, L., SCHIMTIZ, L. K. **A modificação da paisagem do litoral do Paraná a partir dos processos de ocupação e urbanização: paisagem, cultura e arte.** In: XIII EGAL – Encuentra de Geógrafos de América Latina: Estableciendo puentes en la Geografía da Latinoamérica. San Jpsé, 011. **Anais:** ISSN 21152563, Costa Rica: UMA, 2011. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dGzmo0bvCwIJ:www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/3084/2949/+&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. **História da Música Ocidental.** [A History of Western Music / Donald J. Grout; Claude V. Palisca; tradução: Ana Luisa Faria]. – Lisboa; Portugal. Gradiva – Publicações, 2007. Disponível em: https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/GROUT__PALISCA_-_Hist%C3%B3ria_da_M%C3%BAica_Ocidental.pdf. Acesso em: 09 de maio de 2018.

IBGE. **População de Matinhos.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/matinhos>. Acesso em: 04 de março de 2018.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira, dos primórdios ao início do séc. XX.** / Porto Alegre/Movimento/Brasília/Insituto Nacional do Livro/Porto Alegre/Instituto Estadual do Livro/1976.

KINDERSLEY, Dorling. **Música: O guia visual definitivo da música: da pré-história ao século XXI.** (Música: guia visual definitivo / Dorling Kindersley; [tradução: Clara Allain e Henrique do Rego Monteiro]. – São Paulo: Publifolha, 2014.).

LEMONS, José Augusto. **Qual foi o primeiro cantor ou grupo de rock brasileiro?;** Mundo Estranho. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/qual-foi-o-primeiro-cantor-ou-grupo-de-rock-brasileiro/>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

MIRANDA, Clarice. **Formação de plateia em música: cultura musical para todos.** / Clarice Miranda e Liana Justus. – 2ª. ed. – Curitiba: Editora Gráfica Exponte, 2003.

MIZIARA, Ana Flávia. **100 Anos de Música.** BMGV Editora. Disponível em: <http://www.anaflavia.com.br/100anosdemusica/rockbrasil.htm>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

POVO, Gazeta do. **A transformação de Matinhos.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-transformacao-de-matinhos-dr35sjc2f0abogz1rykyfjn7y>. Acesso em: 05 de março de 2018.

ROCHEDO, Aline do Carmo. **Os filhos da revolução. A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980.** Aline do Carmo Rochedo – 2011. 152 f. Orientador: Samantha Viz Quadrat. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2011. Bibliografia: f. 145-152.

SOUZA, Jussamara et al. **Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock.** Per mussi, Belo Horizonte, v.7, 2003 p. 68-75. Disponível em: http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/07/num07_cap_05.pdf Acesso em 28 de outubro de 2015.

UFPR, Litoral. **Histórico.** Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/historico/>. Acesso em: 04 de março de 2018.